

# NOSSOS FILHOS ANDAM DE AVIÃO NOSSOS PAIS NÃO ANDAVAM DE AVIÃO

○ festival em Meponda à beira do Lago Niassa

A três quilómetros de Lichinga acaba a estrada alcatroada. Começa uma picada de 60 quilómetros até à localidade de Meponda; duas horas e meia num velho Land Rover, buracos por todo o lado por causa das chuvas de verão. E esta não é das piores picadas da província.

Nos primeiros 20 quilómetros passamos por várias aldeias de regressados moçambicanos que se haviam refugiado no Malawi durante a guerra. Ao todo são uns 15 mil. Aqui e além crianças de barriga inchada, subnutridas; mulheres com grandes molhos de lenha à cabeça; e os velhos de muito tempo languçando, sentados, o carro que passa, as mulheres cozinhando, crianças brincando, mais os homens que chegam do Lago com peixe para comer logo, ou secar.

Por cima do barulho do motor a voz de Rocha Nobre, adminis-

trador do distrito de Lichinga, um Cabo-Verdiano na casa dos quarenta com mão forte no volante, vai-me falando do Festival de Dança Popular, o que se fez e o que falta fazer nesse interminável mato do Niassa. Depois passa-me dois relatórios que ele escrevera uns dias antes sobre a realização do Festival nalgumas localidades e círculos do distrito de Lichinga. E diz-me que não é fácil fazer boa pesquisa porque muita gente, particularmente as mulheres, tem vergonha de contar o que sabe. Mesmo assim tem conseguido alguma coisa, especialmente de velhos com memórias de várias gerações, de vários tipos de vida.

### AO MEU LADO, RECEBENDO O TEU CALOR

Encontro nos relatórios de Rocha Nobre as letras de duas canções de amor e paixão, uma chamada «Cimbilo» e a outra «Tu és Ciumento». Ei-las:

*Abite Ndala  
Abite Ndala.  
Fiquei ontem à tua espera  
e não apareceste.*

II

*Esperai por ti  
até me vir o sono.  
Dormi e sonhei contigo  
ao meu lado, recebendo o teu calor.*

III

*Uali Aissa, Uali Aissa,  
tudo isto é mentira.  
Sei onde estiveste.  
Sei onde estiveste.*

IV

*Também estive à tua espera  
como prometeste.  
Mentiste, mentiste.  
Lamento muito.  
Paciência.*



I  
Quem abriu aquilo  
que eu deixei fechado?  
Quem abriu aquilo  
que eu deixei fechado?

II  
Fui à machamba e deixei  
minha mulher em casa.  
Fui à machamba e deixei  
minha mulher em casa.

III  
Quando regressiei,  
e mal esperava,  
encontrei a porta aberta  
e lá dentro alguém com minha mulher

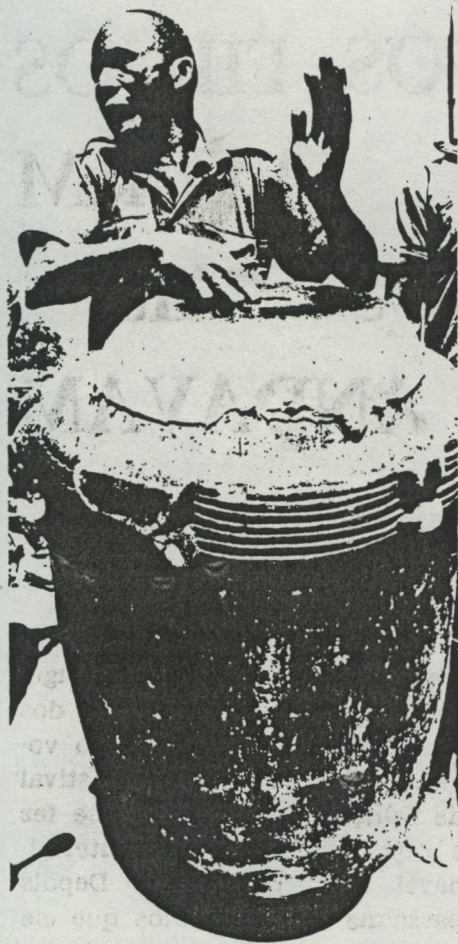
IV  
Tu és ciumento.  
Tu és ciumento.  
Nada fiz com esse homem.  
Apenas me veio cumprimentar.

São dez e trinta da manhã quando, do cimo de uma colina, vislumbramos o Lago Niassa, uma imensidão de azul entre o Malaui e Moçambique. Paramos o carro, saímos, e durante alguns minutos ficamos a saborear o espectáculo; água e montanhas abraçadas pelo verde-verde do mato a perder de vista.

Lá em baixo fica a localidade de Meponda onde se fala com orgulho da cooperativa de pesca que já tem 300 contos no banco. Os pescadores prometeram entre 500 a 1000 escudos para o festival provincial e a população diz que vai dar farinha e feijão.

Descemos a picada até à casa do administrador de Meponda e pouco depois estamos numa clareira à beira do Lago salpicado de sombras, lá em cima o sol espreitando timidamente por entre as nuvens.

A volta do palco de areia são mais de 300 pessoas, gente de todas as idades vindas dos sete círculos de Meponda, homens de um lado, mulheres do outro, algumas delas pufando o fumo azul da casca do milho.



São três as danças apresentadas: Masseve, Chintali e Chiwoda, esta última dançada por 5 dos 7 grupos que compõem esta fase do festival ao nível da localidade de Meponda.

Falemos então dessas danças enquanto as chamas da palha em molhos vão esticando a pele dos tambores.

#### MULHERES DO CHIWODA VAMOS ESTICAR A COLUNA

Entra o grupo do círculo de Chilouelo; 15 mulheres, entre os 10 e os 50 anos de idade, as multicoloridas capulanas ondulando sobre as ancas ao som de dois tambores. Entram em fila, passos curtos, para a esquerda, para a direita, muito semelhante a certas danças das mulheres do litoral Nampulense. Pouco a pouco formam um círculo à volta dos tam-

bores. A chefe do grupo canta os versos da canção — nunca mais de 3 ou 4 — e as outras fazem o coro repetindo várias vezes cada verso. Alguns homens põem-se atrás das mulheres ou no meio do círculo falando piada e algumas velhas mais afectadas pela alegria dançam em redor. Entre as mais pequenas do grupo notam-se algumas inovações, não nos passos da dança, mas na maneira de mexer o corpo, com mais leveza.

É a dança Chiwoda, provavelmente originária da região de Metangula, dançada em sinal de alegria nos dias de festa, geralmente, para assinalar e agradecer qualquer acontecimento. Dizem que é muito antiga, outrora dançada com as mulheres cobertas, dos quadris ao peito, por uma casca de árvore batida chamada Liwondo.

É a chefe do grupo que nos vai dando estas informações, um pouco às prestações. Um homem atrás de nós diz que era costume dançar-se o Chiwoda no primeiro dia após o Unhago, um rito de iniciação sexual.

«E quais eram as letras das canções quando assinalavam o Unhago?», perguntamos à mulher. Ela sorri embaraçada e tivemos que nos contentar com isso mais a risada das mulheres em redor.

O grupo do círculo de Mecheule apresenta a dança Chintali, muito parecida com o Chiwoda, mas proveniente do Malaui. Ambas são dançadas exclusivamente por mulheres. Porquê?

Um homem responde rápido: «Porque nessas danças elas só falam mal dos homens».

Por exemplo estes dois versos do Chintali do grupo de Mecheule:

«Casei com homem que não faz filhos.  
Não preciso dele».

E mais estes:  
«Já abandonei aquele homem que não gostava.

Deixei a casa dele, vou para casa de minha mãe».



Os temas das canções, tanto do Chiwoda como do Chintali, variam muito. Hoje, muitas delas são sobremaneira de pensar novas. Contra a poligamia, por exemplo. Ainda do grupo de Mechelule temos estes dois versos:

«Não queremos homem poligamo.  
Não precisamos dele».

O tema «transformação» está muito presente, como por exemplo nestes dois versos cantados pelo grupo de Názia:

«Nossos filhos andam de avião.  
Nossos pais não andavam de avião».

Outras canções referem, simplesmente, situações engraçadas como esta cantada pelo grupo de Twaice (cantada em português naquela maneira rápida característica do Niassa e Cabo Delgado)

«Queria comprar caril  
dinheiro não tinha.  
Relógio na mão, chapéu na cabeça.  
dinheiro não tinha».

Grande parte das canções de Chiwoda e Chintali cantadas naquele dia em Meponda eram sobre o presidente Samora, umas de agradecimento, outras com uma temática mais trabalhada. Cito algumas:

- 1 — «Samora, Samora, Samora,  
nós estamos a gingar por Samora  
que deu-nos a liberdade»
- 2 — «Samora, Samora, Samora,  
nós agradecemos a Samora  
que deu-nos a liberdade  
aqui em Moçambique». (grupo de Chilouelo).
- 1 — «Samora recomenda produzir amendoim.  
O país vai enriquecer». (grupo de Mechelule)
- 1 — «Bandido, bandido Arriaga.  
Estivemos a solrer.  
Estamos a gozar com governo de Samora» (grupo de Mechelule)
- 1 — «Quem somos nós?  
Somos mães, saímos do Rovuma,  
vamos ver a casa de Samora  
construída em Maputo». (grupo de Meponda)
- 1 — «Marido compra-me relógio para ver  
as horas.  
Compra-me marina (sapatos)  
para não apanhar calor  
quando for ver Samora». (grupo de Chilouelo)

## MASSEVE

Do círculo de Litumba vem um grupo de jovens, entre os 10 e os 25 anos, comandados por um homem, extremamente ágil, aparendo uns 50 e tantos anos. A sua dança é o Masseve, nome do fruto — seco e oco com pedrinhas lá dentro — que os dançarinos usam em volta dos tornozelos.

Ao som de dois tambores e um «bidon» — mais os aplausos e ululos das mulheres — surgem os dançarinos em grandes saltos, caras pintadas, saias de folha de palmeira, lenços de várias cores à volta dos braços e colares de missangas ao pescoço cruzados nas costas. O chefe do grupo empunha o Intchilau (rabo de boi) para acompanhar a voz de comando. Com o abanar dos braços os lenços dão «a sensação de voo», explica-nos ele. Os passos são muito variados, semelhantes aos do Xigubo no sul do país. Ao contrário do Xigubo, o Masseve não é uma dança guerreira se bem que pudesse ser dançada em sinal de valentia. Por exemplo, era comum antigamente homens de uma povoação irem a outra povoação raptar crianças para enriquecerem as suas famílias. Então esses homens convocavam os dançarinos do Masseve e comemoravam aquilo que, na tradição, era um acto de valentia.

Originário da região de Meponda — nome de um chefe súbdito do rei Mataka — o Masseve dançava-se geralmente para assinalar o Unhago. O organizador do Unhago convidava os dançarinos para a festa e estes cantavam canções de mal-dizer acerca dele. Por exemplo, estes versos recordados pelo chefe do grupo de Litumba:

«O dono desta casa  
anda sempre na casa da mãe.  
Que hábito tem?  
Arrancaram a mulher dele.  
Agora anda sempre na casa da mãe».

No festival em Meponda a letra da canção apresentada pelo grupo refere assuntos mais actuais:

«Dois governos.  
Um abandonado.  
O outro que ainda existe.  
Para onde foi o abandonado?  
Foi para Lisboa».

O festival termina com o administrador de Meponda — presidente de um júri de 4 pessoas — anunciando que seria o grupo o Masseve do grupo de Litumba a representar a localidade de Meponda no festival distrital. Toda a gente aplaude e o administrador sugere a todos que estes dias de encontro festivo entre os vários círculos da localidade se repetissem com maior frequência no futuro e logo ali ficou sugerido o 7 de Abril próximo.

E, com a população voltando a suas casas, o administrador vai dando corpo à ideia de haver mais festivais locais daquele tipo: «Há danças que só são dançadas lá na povoação», diz ele. «Já conhecemos algumas e pedimos aos dançarinos para virem dançar em público mas eles ainda não quiseram. Mas penso que eles hão-de acabar por vir se continuarmos com estes encontros». Esta ideia dá seguimento a um dos objectivos do 1.º Festival Nacional de Dança Popular que é, precisamente, a recolha de todo o tipo de danças, mesmo aquelas de carácter mágico.

Pelo carreiro acima vem caminhando, a passo lento, um sujeito de estatura média, a curva da barriga faustosamente dependurada no cinto das calças. Perante os risos em redor Rocha Nobre aponta na sua direcção e diz: «É o ex-responsável dos assuntos sociais do grupo dinamizador da localidade. Foi saneado porque tinha a mania de exigir relações sexuais com as mulheres antes de resolver os seus problemas». Como no nosso país todos os pequenos e grandes acontecimentos são cantados pelo povo é muito possível que naquela região já haja alguma canção acusadora sobre ele.

Às três e trinta da tarde retomamos a picada a caminho de Lichinga, as nossas cabeças povoadas ainda pela fusão de cores, vozes e gestos do festival em Meponda, uma pequenissima amostra da riqueza artística de um país. O nosso.

Carlos Cardoso